

UM RELATO SOBRE A UTILIZAÇÃO DO TANGRAM COMO PROPOSTA DE AUXÍLIO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DE ALUNOS COM TDAH PARA PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Ticiany Marques da Silva¹
Judcely Nytyeska de Macêdo Oliveira Silva²
Deborah Dornellas Ramos³

RESUMO

O presente artigo é um relato de experiência sobre uma das ações desenvolvidas no projeto de extensão “Educação Especial e Inclusiva: Construindo Conhecimentos na Educação Infantil” da Universidade Federal de Campina Grande – Campus Cuité, sendo desenvolvida em uma escola municipal da cidade de Cuité – PB, com doze professoras da educação infantil. Sendo a ação desenvolvida teve como tema: “A utilização do Tangram como proposta de auxílio no processo de ensino e aprendizagem de alunos com TDAH”. Assim o artigo tem como objetivo relatar a experiência vivenciada no projeto de extensão, especificamente, em uma ação realizada acerca do uso do tangram como um método alternativo no processo de ensino e aprendizagem de alunos com TDAH na sala de aula. Com isso, podemos observar que a maioria das professoras não tem muito conhecimento sobre o TDAH, nem como trabalhar com esses alunos dentro de sala de aula, mostrando assim interesse pelo tangram e sua versatilidade para apresentar diversos conteúdos.

Palavras-chave: Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, Relato de experiência, Formação de professores, Educação infantil.

INTRODUÇÃO

Atualmente, nas salas de aula do ensino regular, podemos encontrar alunos que apresentam diferentes tipos de deficiência, como por exemplo, deficiência visual, auditiva, motora, intelectual. Algumas são mais fáceis de ser identificadas enquanto o diagnóstico de outras requer uma investigação mais complexa, fazendo com que essas pessoas não tenham um acesso aos recursos adequados, influenciado assim em sua vida social e acadêmica.

Dentre as deficiências que podemos encontrar no ambiente escolar temos o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade – TDAH – cuja incidência tem sido apontada em cerca

¹ Mestranda do Programa de pós graduação em ensino em ciência e educação matemática da Universidade Estadual da Paraíba-, ticianymarques@hotmail.com;

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal de Campina Grande- PB., ufcg_juudy@gmail.com;

³ Professora Doutora em Psicologia Social da Universidade Ferederal de Campina Grande- PB, deborahdornellas@gmail.com;

de 5%⁴ das crianças mundiais. O TDAH é uma condição de neurodesenvolvimento com características de desatenção, hiperatividade e/ou impulsividade. E, quando não diagnosticado o transtorno, essas crianças podem ser rotuladas como preguiçosas, desatentas, inquietas. Dentro da sala de aula, muitos professores não compreendem o que está acontecendo e acabam deixando de lado ou não procurando estratégias para trabalhar com esses alunos.

É cada vez mais comum encontrar, na escola, estudantes com TDAH, que são confundidos com jovens que possuem mau comportamento, que resistem às orientações do professor, que ficam inquietos, agitados e ansiosos mediante determinada situação. Por não serem identificados com esse transtorno e, por consequência, não terem identificadas suas dificuldades, esses estudantes não conseguem se concentrar, questionar, refletir sobre um problema apresentado em sala de aula, o que os deixa “atrasados” em seus conteúdos em relação a seus colegas. Nessa situação, aumentam os índices de repetência, baixo rendimento escolar, evasão e dificuldades emocionais e sociais. (MAIA e CONFORTIN, 2015, p.79)

Ressalta-se, portanto, a relevância da qualidade da formação de professores, pois vão encontrar esses alunos em sala e precisaram descobrir formas de trabalhar no processo de ensino e aprendizagem com esses alunos, pra que os mesmos consigam ter acesso aos recursos específicos que necessitam, e, conseqüentemente, a uma educação de qualidade também.

Muitos professores não possuem conhecimento suficiente sobre o que seja o TDAH e isso repercute sobre as formas como trabalham com esses alunos. A origem desses déficits de conhecimento pode ser identificada já na sua formação acadêmica inicial não foi abordado ou trabalhado com a educação especial e inclusiva, muitas vezes por não estar na grade curricular ou por ser optativa e nas formações continuadas, assim surgiu a necessidade de uma formação continuada sobre o tema.

Nesse sentido, a formação continuada torna-se de fundamental importância para os professores que buscam uma capacitação que favoreça o desenvolvimento adequado para promover o processo inclusivo. Por meio da formação continuada, o professor poderá encontrar auxílio para resolução de suas dúvidas, trocar informações e ideias com colegas, desenvolver projetos que favoreçam a qualidade do ensino, e a escola, por sua vez, deverá então, disponibilizar espaço e tempo, para que os professores consigam alcançar seus objetivos. (OLIVEIRA, ZIESMANN e GUILHERME, 2017, p. 311-312)

Pode-se dizer que o “novo”, o “diferente”, exige de nós que saíamos das nossas zonas de conforto, o que não consiste em uma tarefa fácil e, muitas vezes, faz com que seja mais cômodo “fechar os olhos” para os desafios e se manter fazendo o habitual. Contudo, fazer essa opção quando se é um professor que precisa trabalhar com alunos como necessidades

⁴ <https://g1.globo.com/bemestar/noticia/2019/07/02/deficit-de-atencao-ate-5percent-das-criancas-no-mundo-tem-tdah.ghtml>

educacionais específicas em uma sala de aula de ensino regular, implica em consequências consideráveis sobre a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, sobretudo, para os alunos que apresentam limitações maiores.

Destaca-se que a utilização de materiais didáticos manipulativos vem sendo um recurso para auxiliar alunos com deficiência dentro do ambiente escolar. Por serem mais lúdicos e promoverem uma maior facilidade de compreensão dos conteúdos das disciplinas, a sua utilização vem cada vez mais ganhando adeptos e pesquisas sugerem que não somente alunos com deficiência tendem a aprender mais com esses materiais, mas todos os alunos que os utilizam.

A utilização de materiais didáticos manipulativos vem sendo um recurso para auxiliar alunos com deficiência dentro do ambiente escolar, por ser mais lúdico e de uma maior facilidade de compreensão, a sua utilização vem cada vez mais ganhando adeptos e pesquisas vem mostrando que não somente alunos com deficiência vem aprendendo mais com essas matérias, mas todos os alunos que utilizem.

Com isso, temos como objetivo relatar a experiência vivenciada no projeto de extensão “Educação Especial e Inclusiva: construindo conhecimentos na educação infantil” (PROBEX/CES – UFCG) com as professoras que atuam na educação infantil do município de Cuité – PB, especificamente, em uma ação realizada acerca do uso do tangram como um método alternativo no processo de ensino e aprendizagem de alunos com TDAH na sala de aula.

METODOLOGIA

O presente artigo é um relato de experiência sobre uma das ações desenvolvidas no projeto de extensão “Educação Especial e Inclusiva: Construindo Conhecimentos na Educação Infantil” da Universidade Federal de Campina Grande – Campus Cuité, sendo desenvolvida em uma escola municipal da cidade de Cuité – PB, com professores da educação infantil.

A ação ocorreu no fim do ano de 2018, com 12 professoras da educação infantil e teve como tema “A utilização do Tangram como proposta de auxílio no processo de ensino e aprendizagem de alunos com TDAH”, tendo duração de 1h30m, onde foi realizada uma exposição teórica, seguida de um momento reservado para a prática, durante o qual as professoras tiveram a oportunidade de aprender a manipular o tangram.

O tangram é um quebra cabeça chinês, composto por sete peças, sendo dois triângulos grandes, dois triângulos pequenos, um triângulo médio, um quadrado e um paralelogramo, podendo ser trabalhado de inúmeras formas. Nessa ação, em específico, buscamos apresentar,

de forma sucinta, as possíveis potencialidades desse material, que permite aos professores trabalharem habilidades, tais como: a concentração, o raciocínio lógico, a contagem, as formas geométricas, entre outras.

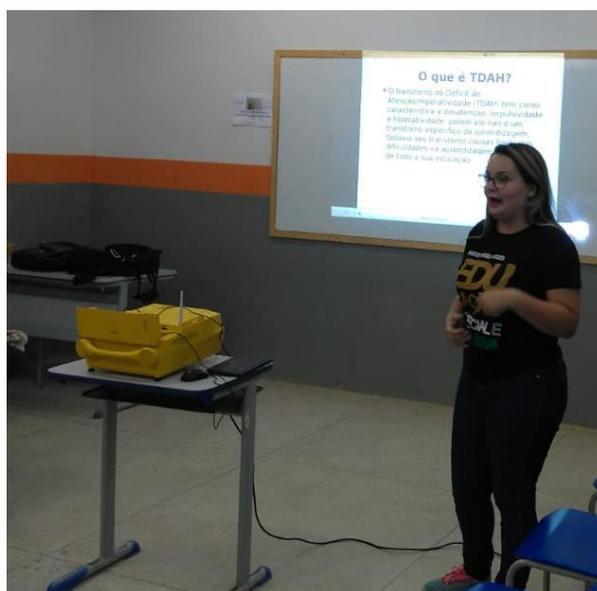
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta ação específica do projeto, com base na qual foi realizado o presente relato de experiência, iniciamos o trabalho questionando as professoras se em suas salas de aula, existia alguma aluno matriculado que fosse diagnosticado com o TDAH. A maior parte das educadoras revelaram não que não tinham contato com alunos diagnosticados com o transtorno e que não conheciam muito sobre o tema. Sabiam apenas que a maioria das crianças que apresentavam o TDAH eram bastante inquietas e não paravam quietas em um lugar.

Todavia, do grupo de professoras em questão, duas afirmaram que tem ou tiveram contato alunos que possuíam o TDAH, relatando que tiveram bastante dificuldades para lidar com essas crianças, principalmente porque suas formações não lhes davam subsídios para trabalhar com qualquer criança com algum tipo de deficiência, explicitando ainda que procuraram leituras e materiais de trabalho na internet mas não encontram muito que pudesse auxiliar.

Assim, após iniciarmos essa discussão, começamos explicando o que era o TDAH, quais eram os sintomas, e de que forma os professores poderiam trabalhar para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem desses alunos.

Figura 1. Apresentação sobre o TDAH



Fonte: Autoria Própria (2019)

Partir de então, as educadoras passaram a lançar diferentes questionamentos, relacionados, sobretudo, à suposição de que possuiriam alunos com o transtorno por considerarem os mesmos muito ativos ou inquietos, o que nos levou a esclarecer que não é possível atribuir a presença do transtorno apenas por essas características, porque as mesmas podem indicar apenas o fato das crianças estarem agindo como crianças, mas que o ideal seria tentar, da melhor forma possível, estruturar o processo de ensino-aprendizagem para favorecer o desenvolvimento e a aprendizagem sempre que possível, possuindo, ou não, os alunos, o TDAH.

Algumas informações que enfatizamos consistiram no fato das crianças com TDAH acabarem se dispersando muito rápido, o que implica em propor atividades com menor tempo de duração e com níveis de complexidade gradativos, procurando evitar, assim, a dispersão. Outra estratégia seria evitar a proximidade de portas, janelas e colegas que conversem muito, para promover, dessa forma, um ambiente que diminua as possibilidades de distração. Nesses contextos, destaca-se ainda que, determinados jogos e brincadeiras, por exemplo, podem ser utilizados como recursos didáticos para despertar o interesse desses alunos.

Nesse momento, as professoras começaram a se posicionar e a sugerir outras estratégias que poderiam ser utilizadas, tais como inserir, junto aos exercícios regulares de sala de aula, atividades que os alunos gostassem de realizar, tais como: desenhos e alguns jogos famosos, por exemplo. Salienta-se que essa participação ativa das professoras evidenciou o quanto estavam interessadas em aprender mais sobre o tema, sobretudo, no que diz respeito às práticas em sala de aula.

Após a essa breve explanação sobre o TDAH e o momento destinado à sua discussão, passamos a falar sobre o tangram e suas diversas finalidades. Nesse sentido, enfatizamos que existem vários tipos de tangrams, tais como: o tangram de coração, oval, russo, triangular, pitagórico, entre outros. Todavia, o mais conhecido é o chinês, que pode formar, com as 7 peças, mais de 1200 figuras diferentes. As professoras ficaram impressionadas com essa informação e, mais ainda, com o fato que existem algumas lendas sobre o tangram, as quais poderiam ser utilizadas para introduzir e estimular o uso desse recurso pelos alunos, pois, na educação infantil, a contação de histórias e lendas consiste em uma importante atividade bastante importante atividade de rotina realizada com os alunos.

O tangram pode ser trabalhado de diversas formas e além disso é algo que pode ser construindo com as crianças, podendo ser feito de diversos materiais, como por exemplo, EVA,

cartolina guache, papel cartão e quando construído com os alunos, as peças podem ser coloridas, podendo trabalhar as cores de forma diferenciada. A escola também pode adquirir, por exemplo, um tangram feito de madeira, como forma possuir um recurso que possa ser utilizado diversas vezes, por alunos de diferentes faixas etárias, sem estragar com facilidade

A partir de então, iniciamos a manipulação do tangram, o qual, no primeiro momento, entregue totalmente desmontado para que as professoras pudessem tentar organizar as peças em sua configuração inicial.

Figura 2. Professores manipulando o tangram



Fonte: autoria própria (2019)

Ao receberem o tangram desmontado, alguns professores ficaram receosos em participar, outros decidiram trabalhar em dupla, por se sentirem, assim, mais à vontade, mas todos o fizeram. Todavia, percebeu-se que as professoras que atuavam há mais tempo na educação se mostraram mais reticentes em trabalhar com tangram, o que pode sugerir certa dificuldade ou resistência em utilizar materiais manipulativos, ou mesmo em utilizar recursos novos ou desconhecidos.

Quando entregamos o tangram desmontado e pedimos para eles voltarem para forma original, no primeiro momento eles acharam que ia ser algo fácil e meio “bobo”, mas tentar fazer descobriram que não era algo simples, que precisava de uma concentração, raciocínio lógico e mesmo que estavam trabalhando em dupla não conseguiu montar de forma rápido e simples, alguns ainda pensaram em desistir mas incentivamos a tentar mais uma vez e assim que conseguiram, mostraram um prazer e felicidade em concluir.

Ao questionarmos as professoras sobre o que elas acerca do tangram, sobre o que elas tinham conseguido fazer com o material, elas se expressaram de forma bastante diferente da postura reticente que haviam demonstrado quando receberam o tangram, relatando que tinham

(83) 3322.3222

contato@conapesc.com.br

www.conapesc.com.br

subestimado o jogo, que era realmente interessante e até mesmo instigante, afirmando ainda que, para utilizar com os alunos, seria realmente interessante.

Os professores sugeriram que, no tangram, poderiam ser trabalhados outros conteúdos também, como a coordenação motora dos alunos, por exemplo, que consiste em uma habilidade que precisa ser desenvolvida pelas crianças durante o período da educação infantil e pode ser trabalhada na construção do tangram e na sua utilização.

Após esse momento de diálogo acerca da primeira experiência com o tangram, mostramos três figuras formadas com as peças do jogo, sendo um gato, um barco e uma casa, e solicitamos às professoras que tentassem reproduzir as figuras com as peças que lhes haviam sido entregues.

Figura 3. Figuras formadas pelo tangram



Fonte: <https://leiturinha.com.br/blog/conheca-a-historia-do-tangram-e-confira-9-imagens-para-montar/>

As professoras começaram tentar reproduzir as figuras e era possível observar que estavam se divertindo e procurando colocar as peças no local certo para formar as figuras. Inicialmente, algumas já insinuaram desistir, mas fomos insistindo, estimulando e auxiliando, de forma a continuarem tentando. A primeira figura que tentaram fazer foi a casa, demorando um tempo maior que o estimado, mas todas conseguiram montar. Em seguida, elaboraram a segunda e a terceira figura, de formas mais rápida, inclusive. Destaca-se que algumas continuaram trabalhando em dupla, sugerindo essa possibilidade do tangram também ser trabalhado em duplas, em sala de aula, de forma cooperativa. A primeira figura que eles tentaram fazer foi a casa, demoraram um tempo maior que o estimado, mas todos conseguiram montar, a segunda e a terceira figura foram mais rápido, alguns continuaram trabalhando em dupla, mostrando que o tangram pode ter essa possibilidade de não ser um trabalho individual mas em dupla, fazendo com que trabalhem em cooperação.

Após, isso perguntamos aos professores o que eles achavam dessa atividade, eles disseram que era algo empolgante, que podia ser feitos com os alunos e por ser algo colorido,

(83) 3322.3222

contato@conapesc.com.br

www.conapesc.com.br

figuras que eles já conhecem e podendo estimular a criatividade, o raciocínio lógico, coordenação motora, além de ser algo divertido.

Mostramos assim para os professores, que assim como eles pensaram em desistir na primeira tentativa, isso pode ocorrer, logo os professores tem que procurar incentivar a continuar, tentando auxiliar, esses alunos, apresentamos também que o tangram fez com que eles ficassem concentrados por quase meia hora e para alunos com TDAH, isso é algo muito importante, pois por um determinado tempo esses alunos estarão concentrados e até mesmo motivados.

Para concluir a ação, perguntamos às professoras a sua opinião sobre a mesma. Nesse momento, as educadoras se disseram bastante satisfeitas, ressaltando que foi uma experiência enriquecedora, que aprenderam muito sobre o TDAH e que, possivelmente, utilizariam o tangram em sala de aula, pois consistia em algo empolgante e colorido, que poderia ser configurado a partir de figuras que eles já conheciam, estimulando a criatividade, o raciocínio lógico e coordenação motora, além de ser uma atividade divertida. Por fim, salientamos que, assim como elas, professoras, pensaram em desistir na primeira tentativa, isso também poderia acontecer com os alunos, o que implica em incentivar a continuarem e tentar auxiliá-los, enfatizando que, assim como o tangram as fez permanecerem concentradas e motivadas por quase trinta minutos, o mesmo aconteceria com os alunos, o que pode favorecer a qualidade da aprendizagem para todos, mas, sobretudo, para alunos que possuem o TDAH.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato de experiência, trouxe uma visão sobre o TDAH e os professores da educação infantil, mostrando que ainda precisamos abordar este tema e outros relacionados a educação especial e inclusiva na formação dos professores desde a educação infantil ao ensino superior, pois a maioria dos professores não sabem como trabalhar com alunos com algum tipo de deficiência.

Verificamos, a partir dessa ação, que as dificuldades para se trabalhar em uma sala de aula regular a partir da perspectiva da educação especial e inclusiva são muitas, principalmente quando se trata da formação de professores, pois muitos não tiveram acesso à disciplinas que abordassem a temática nos cursos que fizeram, inclusive, de formação continuada, o que faz com que as ações do projeto sejam de grande relevância para essas professoras, haja vista que

consiste em uma oportunidade, mesmo que sucinta, de acesso ao conhecimento acadêmico produzido na área.

REFERÊNCIAS

MAIA, Maria Inete Rocha; CONFORTIN, Helena. TDAH E A APRENDIZAGEM: um desafio para a educação. **Revista Perspectiva**, Erechim. v.39, n.148, p.73-84, 2015. Disponível em: http://www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/148_535.pdf acessado no dia 13 de julho de 2019 as 22h22m

OLIVEIRA, Janaína Brum De; ZIESMANN, Cleusa Inês; GUILHERME, Alexandre Anselmo. **Educação inclusiva: (re)pensando a formação de professores**. In: 1º seminário luso-brasileiro de educação inclusiva: o ensino e aprendizagem em discussão. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2017. Disponível em: http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/14453/2/Educacao_inclusiva_re_pensando_a_formacao_de_professores.pdf acessado no dia 24 de junho de 2019 as 18h34m